

Sérgio Franclim

O AMOR SEGUNDO SEGISMUNDO

Há mulheres que se pronunciam na inconstância do quotidiano como se fossem irreais. E elas não existem a partir de certa perspectiva, pois elas não existem para ser entendidas, mas explicitamente para serem amadas.

Acaso, segundo Segismundo Rio, foi o encontro que ele teve com uma dessas mulheres irreais: concretas para os sentidos por um lado; mas, por outro lado, imprecisas para a racionalidade com que os homens tentam articular-se naquilo que é viver em sociedade. Claro que o que aconteceu a Segismundo ser cedência de um acaso poderia servir também de desculpa para confirmar que o seu estranho nome também era cedência de um outro acaso e que os seus falecidos pais quase nada tinham a ver com a estranheza do nome escolhido.

Mas não se discuta o acaso de Segismundo se ter envolvido com uma mulher quase mágica nem o do seu nome. Retenha-se o seguinte para este conto: Segismundo continuará a ser Segismundo e a referida mulher irreal será afinal muita coisa concreta, e do rol de coisas concretas a mais certa é a mesma ser casada. Mas não se faça imediatamente juízos de valor como é corriqueiro entre os comuns seres humanos.

O desgraçado Segismundo despertou um pouco perdido certo dia. Mas lá se arranjou e saiu de casa. Ia trabalhar e nesse dia com um ímpeto invulgar, como se aquele dia fosse o primeiro dia de um trabalho perfeito ou como se os astros lhe fossem favoráveis nesse dia.

Mas, antes de ir para o carro e conduzir até ao local do seu trabalho, foi tomar o pequeno-almoço no local habitual. Foi aí que viu uma mulher de beleza quase divina. Pelo menos, foi deste modo que os seus sentimentos analisaram as formas voluptuosas da mulher que se sentava mesmo à sua frente e que era audaz ao enfrentar o olhar de Segismundo esporadicamente. O atabalhado homem ficou preso ao olhar enigmático daquela mulher e logo esqueceu que tinha de ir trabalhar. Levantou-se e ousou ir ter com a mulher que o fascinara.

Neste conto não importa referir as particularidades emocionais de Segismundo. É irrelevante saber se a natureza de Segismundo era a de um metediço e atiradiço com o sexo oposto. Na fase da vida em que se encontra, o modo de comportar-se era insignificante. Claro que alguns leitores deste conto preocupar-se-ão com o facto de Segismundo estar a meter-se com uma mulher casada. E ele: qual era o seu estado?

Não responderei à questão anterior nem terei intenções moralistas, pois a minha perspectiva é extensiva à revelação de algo imprescindível para o entendimento de tudo. Claro que uma série de padres sem altar começam a rebelar-se contra o narrador, mas apenas quero contar o que sucedeu a Segismundo no dia em que conheceu uma mulher irreal e as consequências desse dia: não as consequências de se ter metido com uma mulher casada, mas as consequências das aprendizagens que são tidas pela prática de certos atos.

— Armanda.

O nome da mulher cheia de mistério e por quem Segismundo se fascinara assim que os olhos dele contemplaram os dela.

— Eu chamo-me... — fez uma pausa, como sempre fazia quando dizia o seu nome, como que preparando o interlocutor — Segismundo.

— Nome estranho (*e que condiz com o homem sedutor que tenho à minha frente*) — as palavras em itálico foram apenas pensadas por Armanda.

A conversa entre os dois desenrolou-se com naturalidade. Segismundo sentia que conhecia Armanda há muito tempo. E eram imensas as coisas que os dois tinham em comum. Ele contemplava cada pormenor do seu rosto na tentativa de o decorar. As mãos, o seu corpo delgado, no qual sobressaíam os seus longos cabelos... Ficou com desejo de a beijar.

A forma como Armanda se exprimia deixa-o mais sedento de a ter nos seus braços. Quem era ela? Como aparecera ali naquele dia? Parecia que estavam destinados a encontrar-se e a fundirem-se nesse dia. Mas o destino não os devia ter juntado antes?

Em verdade, Segismundo sentia-se perdido nos últimos tempos. A mente parecia que lhe pregava constantes partidas. Ele sentia que atravessava a sua vida como um funâmbulo que a qualquer momento perderia o equilíbrio e cairia nos abismos que o espreitavam por debaixo dele. Mas, ao lado daquela mulher, que o seduzia como nenhuma outra o seduzira, ele sentia-se pleno, cheio de vida e cheio de otimismo para o futuro.

Claro que os dois saíram do local onde estavam e enfrentaram a chuva que caía nesse dia. Segismundo tinha mil e uma ideias para amar Armanda; tinha mil e uma coisas para fazer com ela, mesmo sentindo esporadicamente que algo não fazia sentido. E ela não o contrariava, mas ia travando as investidas mais audazes de Segismundo.

Já molhados e, sem saber muito bem como, os dois estavam dentro do carro dela. Segismundo imaginou-se a tomar Armanda, e não temia ir para casa dela. Onde morava ela? Tinha mil e uma ideias para esse dia e para o resto da vida. Por momentos, Segismundo deixou-se seduzir pelo silêncio que se estendera com um halo de mistério entre os dois.

O caminho que ela fazia ele conhecia muito bem. Era o caminho para casa dele. Ele ficou confuso. Será que podiam morar próximos e nunca se terem cruzado até àquele dia?

Armanda estacionou o carro mesmo à porta da casa dele. Será que ele tinha dito onde morava? E o carro dele: que ficara junto ao local onde habitualmente tomava o pequeno-almoço?... De repente, Segismundo lembrou-se que ainda não conduzira nesse dia. Olhou para os olhos de Armanda e por momentos pensou que tudo era um sonho e que ela infelizmente não existia.

Pobre Segismundo!... Num flashe de consciência súbita, ele reconheceu todo o pandemónio que sustinha o seu encontro com Armanda...

...

Ele era casado com ela...

Ele tomara consciência do esquecimento que o tomara uma vez mais, e desta vez com maior veemência; iludira-o e não o deixara ver a verdade. Aquilo que ele pensava

ser um encontro perfeito, de certo modo, quase divino, era apenas a mulher a orientá-lo no confronto com a doença.

A irrealidade daquele dia perfeito vagueou até ele encarar a verdade. Armanda era mulher de Segismundo já há muitos anos. Talvez isso explicasse a facilidade com que conseguira arrebatá-la para o antro dos seus desejos. Mas até isso fora ilusão da sua cabeça.

Alzheimer? Loucura simplesmente?... Para Segismundo isso era completamente irrelevante. Matou-se no dia seguinte, um pouco antes de esquecer novamente que Armanda era a sua mulher.

Suicidou-se ainda consciente de todos os factos; estava convencido de que não queria cair no ridículo de viver entre pilares de uma realidade que ele não conseguiria segurar continuamente. Para Segismundo, o amor é para ser vivido e não para ser esquecido.

Armanda chorou Segismundo, mas deixou o amor pelo marido ir rapidamente para aquelas paisagens onde os sentimentos por vezes parece que nunca existiram. Passou a viver com as sombras da felicidade que um dia Segismundo lhe proporcionara. Armanda acabaria por envelhecer e morrer já sem a companhia dos filhos, aquele consolo que também perdeu inesperadamente na vida quando os filhos seguiram as suas vidas sem olhar para trás. Por fim, a morte surpreendeu Armanda num dia incerto como todos os outros são; curiosamente, um pouco antes de morrer, ainda tentou sentir, pela recordação, o amor devoto com que Segismundo tocara a existência dela; mas também ela já era feita de esquecimento.

O amor, mesmo aquele que se diz verdadeiro, não cura a vida: remedeia a solidão de cada um. Que o diga Segismundo, desmiolado no fim da vida, e Armanda, irreal como o amor que se desvaneceu quando o seu marido se matou para o amor entre ambos não se tornar ridículo.

Mas amor ridículo há muito por aí; mas esse denominado amor nem chega a ser amor: apenas fingimento de almas que fugiram da felicidade. Esta existe, mas nem todos ousam vivê-la.

25/07/2014